

DIRETORES
 Antônio Carlos Coutinho Nogueira
 José Benedito Coutinho Nogueira Filho

CONSELHO EDITORIAL
 Antônio Carlos Coutinho Nogueira,
 Ciro Porto, Ivan Szalma,
 José Benedito Coutinho Nogueira Filho,
 Liana John, Paulo Nogueira-Neto, Rogério Salvini,
 Sérgio Salatti, Suzana Machado Pádua

DIRETOR EDITORIAL
 Ciro Porto

EDITORES EXECUTIVOS
 Liana John
 Valdeimar Sibevill

EDITORES
 Luiz Figueiredo
 Marisa Ribeiro

DIREÇÃO DE ARTE
 Mathias Jereiss Fortunato

ARTE E PRODUÇÃO GRÁFICA
 Mathias Jereiss Fortunato
 Renato Mendes

FOTOGRAFIA
 Carlos Alberto Coutinho, Dirceu Martins,
 Fábio Colombini, Geiser Trivelatto,
 João Paulo Krajewski, Luiz Gonzaga Truzzi,
 Rudimar Narciso Capilari, Sotelo Coutinho

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO
 Angélica Pizadilla, Celo Grillo,
 Everton E. de Miranda, Fernando Kazubi,
 Humberto Castro, Helen Soccon, Jan Talata,
 Nákelo Kapp, Rogério de Paula

JORNALISTA RESPONSÁVEL
 Ciro Porto (MTB 20.414)

ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE

DIRETOR
 Antônio Wellington da Costa Lopes

GESTÃO COMERCIAL E CIRCULAÇÃO
 Regiane Elias Bagan

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO NO BRASIL
 Fernando Chiofalo

IMPRESSÃO - Glóbo Cochrane

PARA ANUNCIAR

Gerência Comercial (19) 3776.6535

Bahia: (71) 3243.3587 / 9134.9547

Brasília: (61) 3323.9100 / 9655.3494

Selo Horizonte: (31) 3423.6647 / 8783.6647

Campanhas e Interior SP:
 (11) 3776.6583 / 9137.8313

Mato Grosso/ Mato G. do Sul e Goiás:
 (65-9235-7446 / (62) 96023419

São Paulo (capital): (11) 9520.9928

Email: regiane@terradagente.com.br

Grupos de Trabalho
 Desenvolvimento Sustentável
 Meio Ambiente
 Comunicação e Marketing

A revista Terra da Gente é
 uma publicação mensal da
 Terra da Gente Produções e
 Serviços Ltda, uma empresa
 do Grupo GPTV

ANER Terra da Gente
 Editora



DEDO DE PROSA

LIANA JOHN

Entre o bem e o mal

O Brasil tem experiência, potencial e tecnologia para produzir os mais eficientes biocombustíveis, do etanol de cana-de-açúcar ao biodiesel das mais diversas fontes, sejam palmeiras ou leguminosas, exóticas ou nativas. Visitantes do Primeiro e do Terceiro Mundo chegam aqui para conhecer das lavouras à rede de distribuição - já em funcionamento, já em escala comercial, e não em teste de nível laboratorial. Todos estão interessados em aprender, muitos estão dispostos a fazer negócios.

O governo brasileiro consegue reconhecer aí a chance de ouro de elevar o País à categoria de nação desenvolvida, soprando o pó sobre o programa de mistura e substituição dos combustíveis fósseis nascido da crise mundial de preços do petróleo e lustrando um orgulho nacional há muito esquecido. Os brasileiros empreendedores enxergam a oportunidade de crescer e traçam às pressas novos planos de implantação de culturas bioenergéticas e usinas para processamento dessas colheitas. Até aí estamos do lado do Bem.

De fato, a cana é a cultura para produção de biocombustível e nenhum país do mundo produz cana mais e melhor do que o Brasil. E as diversas alternativas de óleos vegetais capazes de amenizar as emissões do diesel também são tropicais por excelência. Ou seja, estamos em vantagem por competência e por natureza.

A questão é como esse potencial todo vai virar realidade. Teremos uma corrida ao pote de ouro com grande risco de entornar tudo, ver a riqueza sumir nas mãos de oportunistas e ainda pisotear a natureza que atravessar em nosso caminho? Ou sabremos multiplicar as boas experiências, ambiental e socialmente responsáveis, derrotando o Mal com a opção clara pelo desenvolvimento racional e sustentável?

A tarefa de conter abusos e promover a agenda positiva não é apenas governamental, nem pode se restringir à fiscalização. A vigilância dos órgãos ambientais, trabalhistas e da Justiça, por meio do Ministério Público, é importante. Mas não é tudo. É preciso investir também na informação e na formação de um mercado capaz de adicionar ética à comercialização dos biocombustíveis; em uma mídia capaz de entender as transformações em curso e capaz de também divulgar soluções ao lado das críticas; em entidades de classe capazes de defender os interesses e a sobrevivência de longo prazo da atividade e não apenas os interesses e a sobrevivência dos seus associados mais espertos. Afinal, o oportunismo de alguns prejudica a imagem de todos e isso favorece a polêmica e o preconceito, em lugar da colaboração e do crescimento.

Na mesa de negociações das instituições internacionais ligadas à Convenção de Mudanças Climáticas, a pauta é incluir países emergentes na lista de nações obrigadas a reduzir emissões, apertar os prazos e ampliar as metas de redução de emissões de todos os países (entre 60 e 80% até 2050), na tentativa de segurar o aumento da temperatura média da atmosfera terrestre em 2°C. Ao lado da China e da Índia, o Brasil está na mira dos negociadores. Antes de exigir posturas de outros países - vilões ou mocinhos - saberemos o que reivindicar? E teremos feito a lição de casa da redução efetiva das queimadas e dos desmatamentos?

A pressa excessiva é o primeiro grande risco de derrota que corremos. A levianidade é o segundo. Sem cultivar e investir no Bem ficará muito difícil fugir do Mal.